

Modelo de Lewis: um ensaio crítico

Lewis model: a critical essay

Francisco Thainan Diniz Maia

Mestre em Economia e Desenvolvimento. Professor de Economia Internacional da FATEC Dr. Archimedes Lammoglia. E-mail: thainan.maia12@unifesp.br
ORCID: 0000-0003-4114-4089

Resumo

O presente trabalho objetiva fazer uma análise teórica dos pressupostos utilizados para a construção de um dos principais modelos desenvolvimentistas, o Modelo de Lewis, buscando refletir se a base teórica estruturante do modelo é adequada para a representação de economias periféricas, dadas suas subjetividades quanto ao processo de desenvolvimento econômico.

Palavras-chave: Desenvolvimento Econômico; Modelo Econômico; Subdesenvolvimento.

Abstract

The present work aims to carry out a theoretical analysis of the assumptions used to construct one of the main developmental models, the Lewis Model, seeking to reflect on whether the structuring theoretical basis of the model is adequate for the representation of peripheral economies, given their subjectivities regarding the process of economic development.

Keywords: Economic Development; Economic Models; Underdevelopment.

DOI: <https://doi.org/10.18616/rdsd.v11i1.8616>

Recebido: 23-06-2024
Aprovado: 12-05-2025



1. Introdução

Um dos principais pontos de discussão entre os economistas versam sobre as causas do desenvolvimento econômico e a dinâmica de acumulação do sistema produtivo. Nesse aspecto, o debate se divide em dois princípios basilares e incompatíveis sobre o tema. A primeira escola aqui elencada é a escola neoclássica, segundo ela, a causa para o crescimento econômico, sinônimo de desenvolvimento para esses economistas, reside na maximização da produtividade total dos fatores.

Partindo de uma análise indutiva, a escola assume que para economias básicas, detentoras de três setores: agricultura, manufatura e serviços, e que possuam rendimentos constantes de escala¹, o principal fator de crescimento será a taxa de variação de produtividade, logo, o que caracteriza o avanço econômico é a eficiência com que os recursos dessa economia são alocados, de forma a maximizar a produtividade entre os setores.

Como os rendimentos de escala são constantes, a divisão setorial dos investimentos não impacta os níveis de crescimento econômico, ou seja, pouco importa se feitos no setor primário, secundário ou terciário. Assumindo que o mercado é a melhor forma de alocação existente (*first best*), intervenções governamentais que atuem fora dos limites permitidos pelas falhas de mercado serão geradoras de ineficiência econômica, reduzindo o potencial de crescimento e podendo gerar desequilíbrios no curto prazo e inflação.

A Crise de 1929 e a catástrofe da Segunda Guerra Mundial trouxeram em seu bojo alterações no desenvolvimento da ciência econômica, que romperam com o discurso liberal de desenvolvimento e colocavam em discussão modelos e teorias que eram pautados pela intervenção governamental como fonte indutora de crescimento e de geração de empregos.

A partir desse movimento, surgiram escolas desenvolvimentistas, que apesar de reconhecerem a importância dos ganhos de produtividade para o crescimento do Produto Interno Bruto per capita, apontam que estes são o fio condutor do desenvolvimento econômico, mas que dependem de forma fundamental da expansão da demanda no longo prazo, como fonte do avanço da produtividade do trabalho.

Diferentemente da escola neoclássica, os autores desenvolvimentistas argumentam que os retornos de escala diferem em economias de três setores, e no longo prazo, esse diferencial afeta diretamente a demanda agregada (tamanho de mercado). Para a corrente teórica, a indústria de transformação tem rendimentos crescentes de escala² e impacto estrutural sobre os demais setores da economia. Nassif (2023) elenca três aspectos que

¹ Crescimento constante de escala: situação em que a produção dobra quando se dobram todos os insumos.

² Rendimentos Crescentes de escala: situação em que a produção cresce mais do que o dobro quando se dobram todos os insumos.

apontam para essa relevância:

- (i) é a principal fonte geradora e difusora de progresso técnico;
- (ii) opera sob retornos crescentes de escala estáticos;

(iii) opera sob retornos crescentes de escala dinâmica (através do *learning by doing* têm seus custos unitários ou de segmentos declinantes à medida que a produção total acumulada ao longo do tempo incorpora novas tecnologias).

A partir dos pressupostos da escola desenvolvimentista e considerando, sob o viés crítico, a teoria de crescimento neoclássica, economistas desenvolveram modelos econômicos com o objetivo de fomentar o crescimento de economias periféricas e explicar os motivos de sua estagnação, particularmente, Lewis propôs um modelo com amplamente utilizado na literatura que será analisado no presente artigo: O modelo de Lewis com oferta ilimitada de mão de obra, proposto em seu artigo de 1954 intitulado *"Economic development with unlimited supplies of labor"*.

O objetivo do artigo é realizar uma análise dos pressupostos teóricos utilizados na construção dos modelos, verificando seu potencial de explicativo em relação à dinâmica de funcionamento das economias subdesenvolvidas, não adentrando propriamente em uma discussão empírica, apenas de fundamentação teórica.

Para atingir tal objetivo, o trabalho será organizado em três seções além desta introdução, a primeira apresentará didaticamente o modelo de Lewis, percorrendo sobre seus pressupostos, sua dinâmica e lógica interna, na segunda parte serão tecidas algumas críticas e apontadas suas limitações de acordo com a literatura econômica, por fim a conclusão.

2. O Modelo de Lewis: apresentação e pressupostos teóricos.

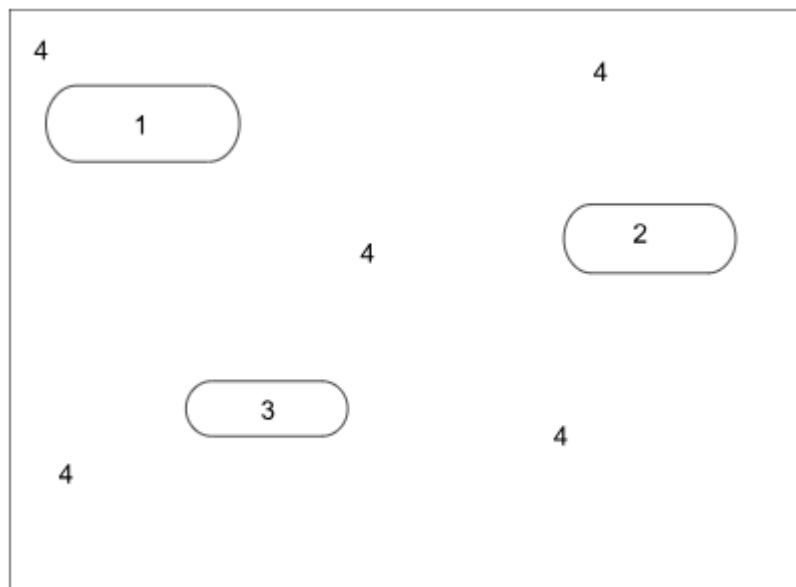
Arthur Lewis em sua obra "O Desenvolvimento Econômico com oferta ilimitada de mão de obra" aponta que a teoria econômica carregava em sua construção a incapacidade de interpretar corretamente o fenômeno do subdesenvolvimento, segundo o autor, tanto a teoria neoclássica quanto a keynesiana se debruçavam sobre problemas específicos de economias desenvolvidas. A partir dessa interpretação, o economista busca construir uma teoria que auxilie na compreensão da dinâmica econômica de grandes áreas do planeta. (Lewis, 1954)

Para representação de uma economia subdesenvolvida, o modelo assume os seguintes pressupostos:

- (i) A dinâmica produtiva é sistematicamente dual, sendo a principal atividade econômica voltada para a subsistência com baixa (em alguns casos nula ou negativa) produtividade marginal do trabalho, e paralelamente possuindo escassas atividades com um nível de produtividade maior, tipicamente capitalistas voltadas para exportação.

Segundo o autor, a dinâmica dual é caracterizada por ilhas produtivas, em um mar de improdutividade em que existem poucas atividades econômicas tipicamente capitalistas sem integração entre si:

Figura 1: Representação - Ilhas de Produtividade de Lewis



Fonte: Elaboração Própria (2024).

A economia representada na imagem 01, conta com 03 setores produtivos tipicamente capitalistas (1,2 3) direcionados para a exportação, sendo dinamicamente isolados entre si, pouco representativos em termos de renda na economia e preponderantemente influenciados por atividades de subsistência (4);

(ii) A economia subdesenvolvida possui uma renda per capita baixa;

(iii) A principal atividade geradora de empregos é a de subsistência, que devido a técnicas rudimentares de baixa produtividade não têm capacidade de absorver grande parte da mão de obra.

Esses três pressupostos do modelo, contém algumas implicações fundamentais para a interpretação das causas do crescimento para Lewis, as quais o trabalho irá se debruçar. Primeiro é importante caracterizar o uso do termo "setor capitalista", para Lewis seria a ramificação de atividades que utilizam capital reproduzível e recompensa seus detentores pelo uso deste, enquanto que o setor tratado como de subsistência é todo aquele que não utiliza o capital reproduzível.

Dada a baixa produtividade do trabalho no setor de subsistência, a adição de um trabalhador na margem bem como a remoção de trabalhadores no setor não impacta os níveis de produção, havendo uma produtividade pouco diferencial nessa atividade, logo a possibilidade de migração dessa mão de obra garante à economia oferta ilimitada de mão

de obra não qualificada:

Pode-se dizer, primeiramente que há oferta de trabalho ilimitada nos países onde a população é tão numerosa em relação ao capital e aos recursos naturais que existem amplos setores da economia em que a produtividade marginal do trabalho é ínfima ou nula. (Lewis, 1954, p. 415)

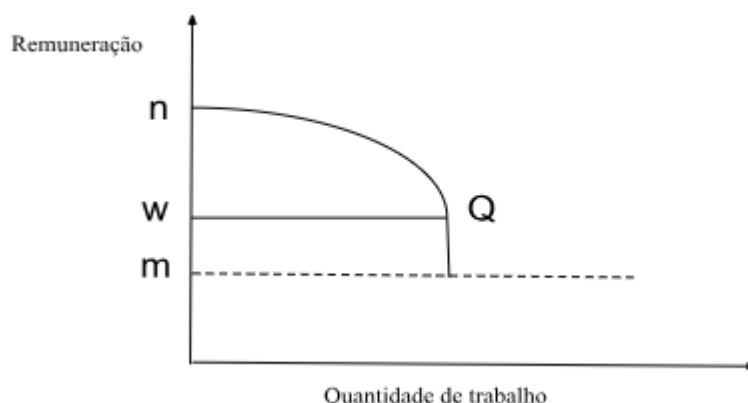
Apesar de ser a maior parte dos serviços de subsistência, a agricultura não é a única atividade em que há excesso de mão de obra empregada e consequente baixa produtividade. A observação do autor é que a economia subdesenvolvida conta com um amplo leque de empregos temporários, como carregadores de porto, jardineiros eventuais, jovens que carregam malas/compras, etc, ou atividades em que " (...) o número de trabalhadores poderia ser reduzido a metade sem impactar o nível de atividade." (Lewis, 1954)

Logo, a economia subdesenvolvida é caracterizada pela existência de um desemprego disfarçado pelo subemprego, categorização não prevista na teoria keynesiana para o autor, e com implicações importantes no funcionamento do mercado de trabalho. A baixa produtividade e o excesso de mão de obra, determina que o salário do setor menos produtivo seja definido pelo montante suficiente para a subsistência, segundo o autor:

(...) nas economias em que a maioria da população é formada por agricultores que trabalham sua própria terra, contamos com um índice mais objetivo, porque o valor mínimo que o trabalho pode ter é definido pelo produto médio do camponês; os homens não abandonarão suas terras se o salário representar menos do que podem consumir se permanecerem em suas casas. (Lewis, 1954, p. 422)

A partir da determinação de remuneração do setor de subsistência, Lewis considera que os salários para as atividades capitalistas são geralmente 30% superiores. Esse valor, em parte, representa apenas uma superioridade nominal, uma vez que o custo de vida próximo aos centros produtivos tende a ser mais elevado. O ganho real parcial decorre do custo psicológico da alteração do modo de vida, ao abandonar o padrão campal e se alocar em centros relativamente urbanos. Graficamente, a remuneração do trabalhador pode ser representada da seguinte forma:

Figura 2: Remuneração do trabalho no Modelo de Lewis



Fonte: Elaboração Própria (2024) com base em Lewis (1954).

Na figura, nota-se que o grau de remuneração do trabalho nas áreas industriais tem um nível de remuneração real superior relevante (representado por w) quando comparada ao setor de subsistência que tem sua remuneração determinada pelo necessário à reprodução da força de trabalho e representada por m . O espaço delimitado por w n Q representa o montante excedente dos capitalistas. Esse excedente é o fator chave para o crescimento econômico de acordo com o modelo.

Isso ocorre, pois o processo de expansão da economia como um todo deriva do reinvestimento do excedente do setor capitalista no próprio setor, fomentando a migração dos trabalhadores do setor de subsistência para o setor de melhor produtividade marginal do trabalho. Dado que esse indicador se encontra muito próximo de zero para os setores de produção rudimentar, não há impacto relevante de diminuição da produção rural.

Esse reinvestimento e expansão capitalista, ocorrerá segundo o autor, enquanto houver excedente do capitalista motivado pela remuneração abaixo da produtividade marginal do fator trabalho. Logo, o propulsor do crescimento econômico para a economia subdesenvolvida estaria na redistribuição funcional da renda em favor da classe capitalista, o setor moderno seria ampliado havendo maior poupança, novos investimentos e uma dinâmica de superação dos níveis de subemprego. (Cardoso, 2018)

Portanto, o determinante da velocidade do crescimento será o ritmo de acumulação do capital, em que os excedentes de remuneração são reinvestidos no setor capitalista, gerando uma retroalimentação positiva na economia que é dependente de três fatores:

- (i) o aumento do conhecimento e sua aplicação, responsável pelos ganhos de produtividade e integração entre os setores;
- (ii) a expansão do volume de capital per capita, impactando diretamente no capital humano;
- (iii) ambiente favorável para a expansão dos dois primeiros fatores, através do bom

ambiente institucional, propiciado sobretudo através do Estado.

Segundo Lewis, esses três fatores além de impactar positivamente o nível de crescimento econômico, promovem uma alteração estrutural ao alterar gradualmente três características típicas do subdesenvolvimento: tecnologia atrasada, instituições instáveis e baixa dotação de capital. Isso, porque:

(...) dentro do setor capitalista, o conhecimento e o capital atuam em conjunto na mesma direção, a fim de elevar o excedente e o emprego. A aplicação de novos conhecimentos técnicos geralmente requer novos investimentos, e independentemente de o novo conhecimento poupar capital (o que equivale, nesse caso, a um aumento do capital) ou trabalho (equivalendo a um incremento na produtividade marginal do trabalho(...)). (Lewis, 1954, p.426)

O ponto fundamental explicitado pelo modelo, é que o crescimento econômico se dá pela transferência de renda em favor da classe poupadora, para o autor, a classe trabalhadora devido à predominância do setor de subsistência detém recursos insuficientes para sua manutenção e concomitantemente para promoção de uma poupança considerável, logo o principal motivo para o subdesenvolvimento é o baixo nível de poupança desses países, gerado pela pequenez do setor capitalista e sua baixa ou inexistente integração, representados pela figura 01, por esse motivo, há uma armadilha do capital: o país detém pouco capital porque é pobre, e é pobre porque detém pouco capital.

Então é necessário um rearranjo da distribuição funcional da renda em favor da classe capitalista, possibilitado por remunerações do trabalho abaixo da produtividade marginal do capital. Segundo o autor, a economia tem a capacidade de remunerar dessa forma pela existência de três classes distintas:

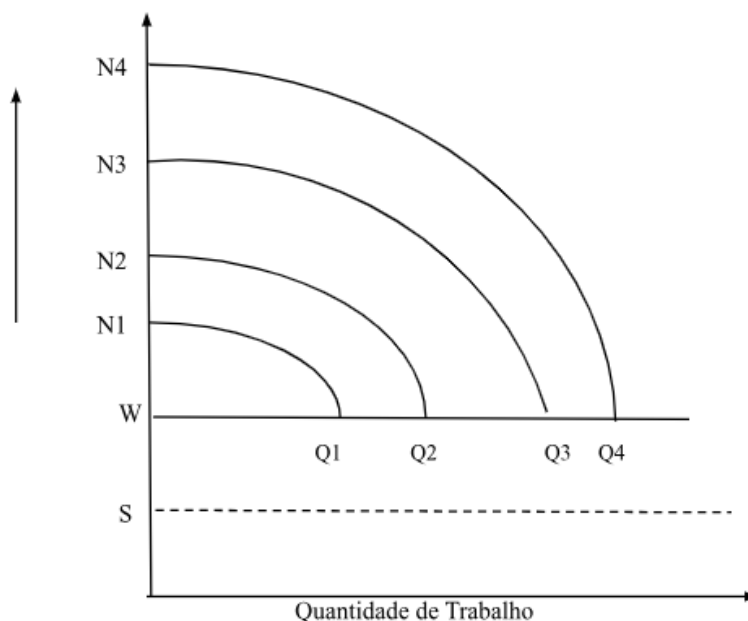
(i) Mulheres fora do mercado de trabalho: uma das formas de garantia de ampliação da renda nacional consiste em criar fontes de ocupação fora de casa para as mulheres;

(ii) Diferencial entre mortalidade e natalidade: a partir do ponto de inflexão para o caminho do crescimento econômico, a sociedade assistirá uma diminuição da taxa de mortalidade devido às transformações em aspectos como saúde, acesso a saneamento, etc. de forma a elevar a população com potencial para mão de obra. O autor não entra na discussão propriamente da diminuição/elevação das taxas de natalidade.

(iii) migração da mão de obra do setor menos produtivo ao setor mais produtivo, conforme elencado anteriormente.

Logo, o crescimento ocorrerá enquanto o setor capitalista obtiver capacidade de gerar excedente para ser reinvestido no próprio setor, ou seja, enquanto a economia contar com oferta de mão de obra suficiente para ser remunerada abaixo da produtividade marginal do capital. A partir do momento em que a economia atinja o ponto em que o trabalho passe a ser remunerado de acordo com sua produtividade marginal, as taxas de crescimento ocorrerão em um ritmo menor, essa inflexão é classificada na literatura econômica como Ponto de Lewis. Graficamente:

Figura 3: Dinâmica de Crescimento de Lewis



Fonte: Elaboração Própria (2024).

À medida que a poupança é reaplicada na forma de investimentos, o potencial de absorção de mão de obra do setor capitalista se expande, absorvendo novos trabalhadores e elevando o grau de excedente com potencial para reinvestimento no setor, dilatando o nível de produtividade conforme representado pela indicação vetorial.

Essa expansão, será interrompida no momento em que a acumulação de capital alcançar a população, de forma que não exista excedente de mão de obra, o que pode ser motivada por 04 fenômenos:

(i) a velocidade de acumulação for superior a velocidade de crescimento populacional, implicando elevações salariais quando houver escassez de mão de obra;

(ii) o aumento da dimensão do setor capitalista em relação aos setores de subsistência propiciar alteração nos termos de troca de maneira desfavorável ao primeiro, exigindo maior remuneração aos trabalhadores do setor para manutenção do padrão de vida, o que reduz o potencial de excedente;

(iii) o setor de subsistência se tornar mais produtivo, elevando o salário de seus trabalhadores e consequentemente do setor de subsistência;

(iv) o preço de itens de subsistência não diminui conforme sua produtividade per capita, possibilitando transferência de excedentes do setor capitalista para o setor agrícola,

que é remunerado em nível acima da sua produtividade marginal do trabalho.

Apresentado o ferramental teórico do modelo de Lewis, seus pressupostos e a dinâmica de crescimento sustentada por esse, cabe agora ao trabalho discorrer acerca de suas limitações quanto a representação de economias subdesenvolvidas, e hodiernamente inseridas em uma dinâmica periférica.

3. O Modelo de Lewis: limitações e críticas.

O Modelo de Lewis é classificado na literatura econômica como um modelo de desenvolvimento estruturalista, uma vez que em sua construção teórica argumenta que o redirecionamento da renda em favor da classe poupadora, fará com que o setor tipicamente capitalista se expanda promovendo alterações estruturais da dinâmica econômica de países tipicamente subdesenvolvidos.

Apesar de lidar com uma economia de dinâmica dual, não é explicitado nos pressupostos do modelo que o setor tipicamente capitalista seja o industrial, classificando-o apenas como aquele munido de capital reutilizável, nesse sentido, é válido assumir por exemplo, que é possível - dentro da dinâmica apresentada pelo modelo - a promoção do desenvolvimento econômico se valendo da ampliação do setor de produção agrícola direcionado para a exportação e com utilização de itens tecnológicos voltados para ganho produtivo.

Assumindo-se essa hipótese, defronta-se os princípios do modelo com a dinâmica observada e teorizada acerca das economias subdesenvolvidas da América Latina ao fim da década de 1940 por Raúl Prebisch. Em seu artigo: "O desenvolvimento econômico na América Latina e seus principais problemas". Prebisch realizando estudos estatísticos acerca da Balança Comercial Argentina concluiu que as transações comerciais entre o centro desenvolvido e seu país eram extremamente desequilibradas.

Para o autor, países que possuem renda elevada buscam diversificar bens de consumo, e dificilmente flutuações positivas da renda relativamente consideráveis irão elevar o consumo de itens primários que já integram as cestas básicas dessa economia. Hodiernamente, isso pode ser explicado pela divergência entre a elasticidade-renda³ desses países para produtos primários e produtos industrializados (Prebisch, 1949). Para os primeiros, a elasticidade-renda é inferior a 1, significando que uma elevação percentual na renda implicará em uma elevação no consumo inferior ao acréscimo marginal. Enquanto que os produtos manufaturados detêm o nível de elasticidade superior a 1, implicando a elevação do consumo em níveis iguais ou superiores⁴ à flutuação de renda.

Empiricamente, o autor aponta que para comprar em 1935 a mesma quantidade de itens oriundos da periferia econômica em 1880, os países industrializados despenderiam

³ Variação no consumo de um bem, ou cesta de bens, que resulta do aumento de 1% na renda.

⁴ Uma variação no nível de renda do consumidor pode resultar na elevação do consumo de produtos manufaturados que não necessariamente integravam a cesta de consumo usual anterior.

38% menos. Segundo Prebisch isso decorre por três fatores:

(i) os ganhos de produtividade do centro possibilitaram uma elevação da acumulação e remuneração de capital, não implicando uma diminuição de custos;

(ii) o crescimento de renda proporcional entre países do centro e da periferia em relação aos ganhos da produtividade, geraria uma piora nos termos de troca dos países periféricos devido ao seu menor potencial de desenvolvimento produtivo em relação à indústria;

(iii) o rendimento dos empresários decorrente dos fatores produtivos nos centros industrializados cresceu mais que proporcionalmente aos ganhos de produtividade, e na periferia menos que seus aumentos correspondentes. Isso é explicado pelo poder de mercado decorrente da organização capitalista moderna e do crescente acúmulo de capital obtidos por essas.

Ao verificar os pressupostos apontados por Prebisch, uma especialização em produtos primários, mesmo que utilizando capital reproduzível, não implica necessariamente uma trajetória de crescimento econômico para os países subdesenvolvidos, o que se observa é um crescente dreno dos ganhos de produtividade das economias subdesenvolvidas para o centro industrializado, ainda que a utilização de tecnologia e novos capitais sejam relevantes para o processo de desenvolvimento, o setor ao qual é alocado também é importante, sobretudo, quando se objetiva atingir o *catching up*⁵.

Conforme colocado na introdução, verifica-se também a existência de outros pressupostos que possivelmente limitariam a demanda agregada no longo prazo, caso os investimentos não promovessem o desenvolvimento da indústria de transformação. Como descrito, o setor é um importante dinamizador da ampliação de demanda agregada por: (i) é a principal fonte geradora e difusora de progresso técnico; (ii) opera sob retornos crescentes de escala estáticos; (iii) opera sob retornos crescentes de escala dinâmica (através do *learning by doing* têm seus custos unitários ou de segmentos declinantes à medida que a produção total acumulada ao longo do tempo incorpora novas tecnologias) (Nassif, 2023).

Todos esses aspectos estão de acordo com o que foi colocado pelo Modelos de Lewis como dinamizadores da velocidade de acumulação do setor capitalista na economia. Ainda que o modelo aponte para a importância da ampliação do mercado interno dessas economias, dificilmente o mesmo seria sustentável através de um setor de exportação primário, cujos ganhos de escala são potencialmente inferiores a 01.

Pode-se reconhecer então, como primeiro limite do modelo desenvolvido por Lewis a não recomendação explícita do setor econômico que deve ser priorizado para promoção do crescimento econômico sustentado pela oferta ilimitada de mão de obra.

Outro fator relevante, consequência direta da primeira limitação, é que o modelo não

⁵ Alcançamento, ou seja, diminuição de renda per capita entre a economia objeto de análise e os países desenvolvidos.

aponta a necessidade de produção de bens de capital. Para Francisco de Oliveira, uma economia cujo setor de bens de produção localiza-se em mercado externo, transfere para os países exportadores desses bens, os estímulos econômicos e as interações departamentais decorrentes dessa produção, ou seja, as interrelações produtivas entre o departamento de bens de consumo e o de bens de produção, que é fundamental para o desenvolvimento capitalista. (Francisco de Oliveira, 1989)

Soma-se, ao fato de que a dependência das bases técnicas e financeiras presentes nas economias subdesenvolvidas, restringem o processo de acumulação, uma vez que são insuficientes para que se implante, o núcleo fundamental da indústria de bens de produção, permitindo que a capacidade produtiva e a velocidade de acumulação cresçam adiante da demanda, e auto determinando a dinâmica do processo de desenvolvimento econômico. (Cardoso de Mello, 1998)

Ao não adentrar na discussão setorial do funcionamento econômico, o modelo proposto relega ao setor externo as bases produtivas que definirão a dinâmica e velocidade do processo de acumulação, aspectos determinantes do crescimento econômico nesse arcabouço teórico, tornando o processo de desenvolvimento da economia subdesenvolvida dependente de ciclos externos, ganhos tecnológicos do centro econômico e sem soberania para determinação das bases capitalistas.

Após discorrer sobre as limitações setoriais e os problemas relativos à autonomia produtiva das economias subdesenvolvidas nesse modelo, o trabalho irá se concentrar no fator com mais críticas ao modelo proposto por Lewis, que está na validade que o mesmo assume da Lei de Say.

Jean Baptiste Say, ao interpretar o funcionamento econômico apontou que o processo de produção de determinado produto, cria através de sua conclusão, um mercado para outros produtos adequados ao valor da mercadoria gerada. Ou seja, tão logo o produto é criado, há um incremento na riqueza econômica de tal forma que outros mercados são capazes de absorve-lo.

Logo, imediatamente após a produção, o produtor irá buscar vender sua mercadoria imediatamente, e após esse processo ficará ansioso para aplicação do dinheiro, evitando a depreciação ao longo do tempo, tanto de sua mercadoria final (após o processo de produção) quanto da moeda (após a venda), de tal forma que rapidamente o trocará por outros produtos. Nas palavras do economista: " (...) a mera circunstância da criação de um produto imediatamente abre um mercado para outro produto." (Say, 1803)

Essa afirmação de Say, ficou conhecida na literatura como Lei de Say, sintetizada pela afirmação "toda oferta gera sua própria demanda". Esse pressuposto, assume a impossibilidade de existência de crises de superprodução, toda a mercadoria produzida terá sua demanda determinada pela oferta de outros bens da economia, de forma que a oferta agregada será igual à demanda agregada.

Segundo Serrano (2001), os pressupostos do modelo de Lewis, assumem a validade de tal afirmação, uma vez que o modelo assume que o mecanismo de determinação de

renda, decorre do reinvestimento automático dos lucros potenciais, não havendo insuficiência da demanda efetiva, nesses termos, a poupança decorrente da redistribuição de renda da economia é condição necessária e suficiente para o processo de crescimento econômico.

Ou seja, para a dinâmica econômica prevista no modelo, o simples excedente gerado pela baixa remuneração do fator trabalho é um mecanismo suficiente para a garantia do reinvestimento. Tavares e Serra (1973) ao analisarem a economia brasileira sob o viés crítico de modelos de crescimento caracterizados pela acumulação, afirmam que: “a taxa de crescimento dependerá desse excedente se transformar ou não em investimentos”.

Portanto, para os economistas brasileiros, o processo característico do crescimento brasileiro da década de 1950 assistiu seu esgotamento, uma vez que por mais que houvesse uma elevação do lucro, não haveria necessariamente um reinvestimento desse maior excedente. Consequentemente, a sustentação de uma trajetória favorável de crescimento não está garantida apenas pela geração desses excedentes, como pressupõem o modelo.

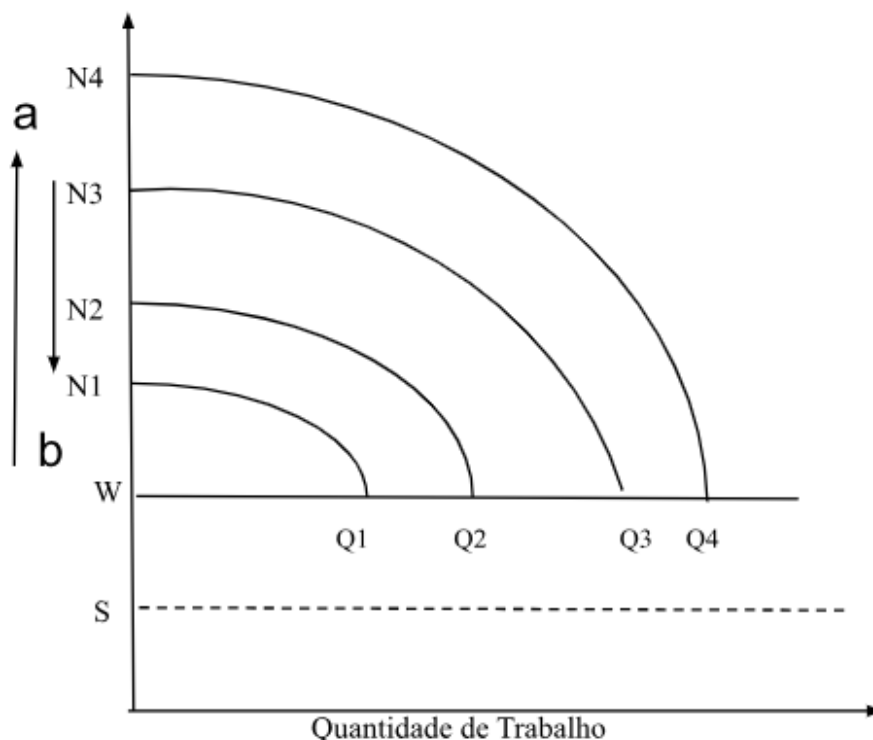
Uma crítica desenvolvida sobre a Lei de Say pode ser observada na obra “Princípios de Economia Política” de Thomas Malthus, que aponta a possibilidade de insuficiência de Demanda Efetiva dentro do funcionamento econômico:

De todas as opiniões que encontrei de homens capazes e inteligentes, a de Say, afirmando que un produit consommé ou détruit est un débouché fermé (l. i, cap. 15), parece-me ser a mais diretamente contrária à teoria certa e a mais uniformemente em desacordo com a experiência. Mesmo assim, ela é uma consequência direta da nova doutrina de que os bens só devem considerar-se em suas relações diretas mútuas, e não com os consumidores. O que, pergunto eu, seria da procura de bens, se todo o consumo, excetuando o do pão e o da água, fosse suspenso durante a próxima metade de ano? Que acumulação de mercadorias! Quels débouchés! Que prodigioso mercado faria surgir esse evento!” (Malthus, 1798, p. 363)

Apesar de procurar se distanciar das teorias econômicas com postulados clássicos, Lewis acaba assumindo que a poupança gerada através do excedente será reinvestida e per si promoverá o crescimento econômico sustentável, nesse sentido desconsidera fatores que podem reduzir o montante de investimentos, como em termos keynesianos, a baixa eficiência marginal do capital, motivada por baixas expectativas de retorno e/ou elevado custo de oportunidade decorrente das taxas de juros praticadas nessas economias.

Ora, a partir de um ponto de inflexão negativo quanto a expectativa dos capitalistas, após iniciado o processo de expansão produtiva, conforme colocado pelo modelo, há a possibilidade de redução de investimentos do setor privado, diminuindo o nível de empregos e consequentemente o nível de crescimento, sem que a economia tenha atingido o já citado, Ponto de Lewis. Graficamente:

Figura 4: Dinâmica de Crescimento de Lewis e inflexão da eficiência marginal do capital



Fonte: Elaboração Própria (2024).

A inflexão das expectativas geradas por qualquer fator que o autor considera exógeno pode impactar os níveis de crescimento econômico, que direcionariam a economia de uma expansão levada pelo vetor "a" para uma retração que agora assume a direção do vetor "b". Essa alteração será de tal monta, que o mercado antes de remunerar adequadamente o fator trabalho, levará a força anteriormente empregada no setor capitalista a postos de baixa produtividade, geralmente atrelados ao setor de subsistência, todavia diferentemente da situação em que se encontravam antes da expansão inicial prevista pelo modelo, em uma condição de maior concentração de renda.

Como o autor supõe que o mercado seja capaz de gerar um crescimento auto sustentado, situações de contração de investimentos não são previstas, bem como o papel do Estado na coordenação de investimentos, elaboração de políticas econômicas, fomentos departamentais, ou sendo fator anticíclico em casos de insuficiência de demanda agregada.

A participação do Estado para promoção do desenvolvimento econômico, ou seja, na promoção de alterações estruturais nas economias periféricas, é vista por Kalecki como fundamental, segundo o autor, essas economias, apresentam problemas além da insuficiência da demanda efetiva. Faz-se necessária uma elevação no volume de investimentos em uma força brutal de planejamento para ampliar a planta produtiva inicial que é indispensável para a aceleração do crescimento de renda, ainda que as periferias

lidem diretamente com problemas não observados na dinâmica desenvolvida. (Kalecki, 1968).

O volume de investimentos privados, nas regiões subdesenvolvidas, não atinge os níveis necessários para implantação de capital suficiente para estabelecer a base do setor capitalista, principalmente o capital vinculado a ampliação da capacidade produtiva que necessitam de um maior período para a maturação quando comparados aos investimentos em setores cuja estrutura prévia já estariam estabelecidas, havendo uma necessidade de gastos públicos maiores, em termos relativos, que os presentes em países desenvolvidos. (Kalecki, 1968)

Para o autor, o investimento privado no início da construção do processo de desenvolvimento é insuficiente para estabelecer as bases necessárias que garantam um processo auto sustentado, e que mesmo após iniciado, seria necessárias políticas que sejam suficientes para a elevação da demanda agregada em momentos que a mesma se encontre em patamares inferiores a oferta agregada.

Um dos pontos principais levantados pelo autor é o dualismo entre a existência de recursos que precisam ser mobilizados e aqueles que precisam ser construídos, sob a égide de um capitalismo que aprendeu o truque para realizar essa transformação, todavia, há uma distinção entre a situação econômica e política entre os países centrais e os periféricos, a determinação histórica deriva de uma revolução produtiva, que deve ser realizada pela autonomia e organização do Estado, que exerceria um papel fundamental para essa coordenação.

Portanto, um dos fatores que limitam a concepção do modelo para economias subdesenvolvidas, diz respeito não apenas a limitação de participação do Estado no processo, mas a capacidade atribuída ao mercado para liderar o início desse processo, de forma automática, através da simples redistribuição de renda, lidando com problemas cíclicos inerentes ao funcionamento econômico e investindo montantes cuja maturação provavelmente não promovem retornos de curto prazo.

4. Conclusão

Conforme discutido no presente trabalho, o Modelo de Lewis é utilizado na literatura econômica como uma das principais ferramentas de análise para promoção do crescimento econômico em economias subdesenvolvidas, seu arcabouço teórico tem o mérito de trazer para o centro de discussão dos temas econômicos uma dinâmica que é distinta daquelas observadas em países desenvolvidos.

Nessa seara, o autor discute aspectos relevantes e subjetivos a essas economias, como a baixa produtividade do trabalho, os níveis baixos de renda per capita e principalmente a caracterização do mercado de trabalho predominante nessas economias, com elevados graus de informalidade e baixa remuneração aos trabalhadores.

A partir dessa caracterização, o autor assume que para a promoção do desenvolvimento será necessária uma redistribuição de renda em favor das classes que mais poupam, ou seja, os capitalistas, de forma que os excedentes gerados para a classe por essa melhora relativa implicariam novos investimentos produtivos, abstraindo potenciais disputas distributivas e possíveis desencadeamentos políticos que podem ser gerados em uma dinâmica como essa, limitações essas que não foram objetos desse estudo.

Apesar dos méritos, o trabalho apontou algumas limitações que devem ser observadas em estudos que utilizem o modelo como ferramenta de análise. A primeira limitação é que não é explicitado como esse processo de crescimento através de excedentes gerados pela remuneração abaixo da produtividade do trabalho deve ser iniciado, logo, assume-se que o próprio mercado será capaz de iniciar e sustentar o processo.

Esse pressuposto parece não estar de acordo com a dinâmica real, economias subdesenvolvidas carecem de grandes montantes de investimentos para a promoção da alteração estrutural objetivada pelo modelo. Alteração essa, que requer um grande período para possibilidade de retornos, situação em que dado os prazos e riscos envolvidos para a obtenção de lucros parece ser inviável e não atrativo para serem feitos exclusivamente pelo setor privado.

Ou seja, a validade da Lei de Say é um fator limitante da dinâmica do modelo tanto no início da execução do processo de crescimento, quanto posteriormente, ao assumir que a geração de excedentes será uma condição necessária e suficiente para manutenção dos níveis de crescimento econômico, o que conforme foi colocado pelo trabalho, não está adequado a realidade do funcionamento econômico, principalmente quando se usa a ótica dos modelos de crescimento críticos a teoria neoclássica. Portanto, ao tentar se afastar da tradição de interpretações neoclássicas, Lewis assume um pressuposto fundamental dessa escola, que acaba sendo uma das principais limitações do poder de explicação de seu modelo.

Outro aspecto importante acerca dos pressupostos, está em não especificar o setor industrial como chave para promoção das alterações estruturais, ao não identificar, o modelo pode ser utilizado para fundamentar estratégias de crescimento baseadas na exportação de produtos primários, que estão em desacordo - em dois pontos principais - com a tradição de conhecimentos elaborados por pensadores que estudam a desindustrialização prematura, sobretudo para a América Latina:

Um modelo primário exportador implica a possibilidade da deterioração dos termos de troca devido a diferença presente entre a elasticidade-renda entre o setor primário e o manufatureiro, drenando recursos da periferia subdesenvolvida para o centro desenvolvido, conforme colocado por Raúl Prebisch. Como segundo ponto, apenas a indústria é capaz de gerar um aumento de longo prazo do tamanho do mercado consumidor e da demanda

agregada, de forma a acelerar o processo de acumulação e romper com aspectos estruturais do subdesenvolvimento.

A ausência de prioridade setorial do modelo se amplia, quando se reflete acerca do potencial multiplicador que um departamento de bens de produção gera para o funcionamento de uma economia periférica, sua implantação gera elevação de renda e setores interligados primordiais para aceleração da acumulação. A importação dessa natureza de bens, não só restringe o nível de crescimento, como diminui a soberania para determinação da natureza de capitalismo que será implementada pelos países subdesenvolvidos.

Portanto, o modelo de Lewis possui pressupostos internos, que são um importante ferramental de análise para as economias subdesenvolvidas, todavia, seus resultados são potencialmente incompletos e devem ser acompanhados por análises acerca da situação social, histórica, política e distributiva que são particulares a economia objeto de análise.

Referências bibliográficas:

CARDOSO, Fernanda. (2018). **Nove clássicos do Desenvolvimento Econômico**. Jundiaí. Paco Editorial. 2018.

FREITAS, F. & SERRANO, F. **A Demanda Efetiva nos Modelos de Crescimento**, mimeo, IE-UFRJ. 2007.

KALECKI, Michal. **A diferença entre os problemas econômicos cruciais das economias capitalistas desenvolvidas e subdesenvolvidas**. In: MIGLIOLI, J. (org). **Crescimento e Ciclos das economias capitalistas**. São Paulo. Hucitec, pg. 133-140 (1968), 1977.

Lewis, W. A. **Desenvolvimento Econômico com Oferta Ilimitada de Mão-de-Obra**, In AGARWALA, A. N. e SINGH, S. P. (orgs.). **A Economia do Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro, Forense, 1969.

LEWIS, W. A. **Reflections on Unlimited Labour**. In diMARCO, L. E. (ed.). **International Economics and Development**. Nova York, Academic Press. 1972.

MALTHUS. T. **Princípios de Economia Política e considerações sobre sua aplicação prática**: Ensaio sobre a população. São Paulo. Editora Nova Cultural. (1798), 1996.

NASSIF, André. **Desenvolvimento e Estagnação**: O debate entre desenvolvimentistas e liberais neoclássicos. São Paulo. Contracorrente, 2023.

SAY, Jean-Baptiste. **A Treatise on Political Economy**. São Paulo. Abril Cultural (1803), 1983

SERRANO, F. **A Acumulação e o Gasto Improdutivo na Economia do Desenvolvimento**, em FIORI, J. e MEDEIROS, C. (org.). **Polarização Mundial e Crescimento**, Rio de Janeiro, Vozes. 2001.

TAVARES M.C. e SERRA, J. **Além da Estagnação**. In: TAVARES, M.C. **Da Substituição da Importações ao Capitalismo Financeiro**. 3ª Edição, Rio de Janeiro, Zahar. 1973.